

Meta de 85% exige política de choque

Rio de Janeiro — O diretor da área bancária do Banco Central, José Luis Mirana, garantiu que o governo não adotará política de choque na economia para que, neste final de ano, a expansão monetária não ultrapasse 85%, mas advertiu que "não se pode esperar folga na liquidez geral do sistema financeiro".

O Banco Central, disse, aumentará o controle na liberação de recursos, razão pela qual este mês ainda não efetuou qualquer repasse para exportação e custeio. O controle também atingirá o Banco do Brasil, sendo que em menor escala, pois o BB já começou a ceder recursos para o custeio agrícola.

A grande preocupação do Banco Central diz respeito à expansão monetária, tanto assim que já foram estabelecidas taxas médias de 10% de crescimento para novembro e dezembro, de modo a que ela fique no limite de 85% ao final do ano. Mas, para atingir essa meta, os meios de pagamento (depósitos à vista nos bancos comerciais, mais papel-moeda em poder do público) terão de registrar crescimento entre 6% e 7% nos dois últimos meses do ano.

Quanto ao "Open Market", informou que continuará adotando a prática de manter o custo do dinheiro, através das operações de financiamento, inferior à correção monetária, apesar de em novembro ter tabelado os juros a níveis mais altos, ao contrário do que ocorreu em outubro, desmentiu que o Banco Central tenha vendido dólar no mercado paralelo para conter suas cotações.

Quanto ao atual comportamento altista do mercado de ações, apesar de uma economia totalmente adversa para as empresas, afirmou que, no seu entendimento, "não há comportamento técnico no funcionamento das bolsas de valores".